

## OBSERVANDO MESTRA TECLA CRESCI COMO PAULINA



**C**onheci Mestra Tecla durante os anos de noviciado e do juniorato na Via Antonino Pio em Roma, de 1958 a 1964.

A primeira lembrança são as conferências que nos fazia todos os domingos de manhã, depois da missa das 10h, no grande salão com a presença de toda a comunidade romana. O tema de suas conferências era geralmente a liturgia do dia, em particular as cartas de São Paulo. Agradava-me a espontaneidade de sua linguagem, muito comunicativa e de fácil aplicação. Nós, formandas, morávamos na Casa *Divina Providência* situada diante da Casa generalícia de então, chamada *Divino Mestre*, onde residia Mestra Tecla com o seu Conselho.

Percebia nas irmãs mais velhas a veneração que devotavam pela Primeira Mestra, o que me levou a observá-la e ver como agia... Na bela estação, depois do almoço, agradava-me olhar Mestra Tecla e suas conselheiras dando um breve passeio no quintal e no jardim da Casa Generalícia. Percebia que brincava, discutia em serena fraternidade e eu me edificava. Depois, na primeira hora da tarde, eu a via encaminhar-se, com passo rápido, rumo ao Santuário para a adoração eucarística. E eu escolhia exatamente aquela hora para fazer a visita e... observá-la. Invariavelmente se colocava no primeiro banco à esquerda e permanecia imóvel por toda a hora, o olhar voltado para o tabernáculo. Esta sua atitude testemunhava uma profunda e intensa relação com o Mestre, e em mim

se desenvolvia o desejo de aprender a rezar como ela.

Não tive muitos contatos particulares com Mestra Tecla mas, quando a encontrava, ela me sorria, fazia um aceno de saudação com a cabeça. Nós, noviças, depois junioristas, tínhamos a incumbência, no sábado pela manhã, de limpar as escadas da Casa Generalícia. Éramos uma equipe vivaz e, muitas vezes, percebendo-nos assim alegres, saía de seu escritório e nos levava chocolates, compartilhando nossa laboriosidade e alegria.

Um fato acontecido durante o juniorato fez-me entender a sensibilidade e a atenção de Mestra Tecla pelas Filhas. Fui enviada a uma comunidade para ajudar na livreria e parti com o entusiasmo apostólico incentivado por Mestra Assunta. Um pouco por vez fui percebendo, porém, que a realização daquele apostolado que talvez tivesse idealizado demais, nem sempre era como eu havia aprendido em Roma e sofria. Mas não falava com ninguém.

Um dia chegou uma carta do Governo geral com o convite para ir a Roma. Mestra Tecla, com uma conselheira, falou-me com simplicidade: «Quem sabe a comunidade onde te encontras não é apropriada para ti. Pensamos mandar-te para... espera-te o Centro Catequético da Diocese, onde farás tanto bem». Aconteceu exatamente assim! Jamais fiquei sabendo como Mestra Tecla entendeu que eu precisava mudar de comunidade. Penso que seguia cada Filha na oração e a “sentia” espiritualmente.

Observar e escutar Mestra Tecla foi para mim uma forma de construir a identidade paulina, um empenho para integrar oração, estudo e apostolado, para conformar a vida ao Mestre Jesus.

Quando voltava de suas longas viagens, a Primeira Mestra nos contava com entusiasmo as descobertas feitas: povo, cultura... E nos fazia saborear a importância do nosso apostolado. «Quantas almas esperam o Evangelho – nos dizia – e se não o levamos nós, que recebemos essa missão, quem o levará?».

Obrigada, Mestra Tecla, por estas tuas intenções, que me abriram horizontes apostólicos belos e amplos, pela tua fé que não retrocedia diante das iniciativas apostólicas mais empenhativas «para fazer o bem», por haver me comunicado com a vida a beleza da vocação paulina e o gosto de querer vivê-la em plenitude.

Fernanda Bizzarri, fsp